

À BEIRA DA GUERRA NO PACÍFICO?

*Por Alfred W. McCoy**



O destróier USS Kidd, da Marinha americana, e o cúter USCG Munro, da Guarda Costeira dos EUA, transitam pelo Estreito de Taiwan (US Navy/Flickr/CC-BY-NC-ND 2.0).

A grande rivalidade de poder sobre Taiwan pode rapidamente se transformar em um enorme pesadelo.

Enquanto o mundo se distrai, até se diverte, com a disputa diplomática em torno dos recentes voos de balão de alta altitude da China na América do Norte, há sinais de que Pequim e Washington estão se preparando para algo muito mais sério: um conflito armado em Taiwan. A revisão dos acontecimentos recentes na região da Ásia-Pacífico levanta uma lição histórica comprovada que vale a pena repetir neste momento perigoso da história: quando as nações se preparam para a guerra, é muito mais provável que entrem em guerra.

Em *The Guns of August*, seu relato magistral de outro conflito que ninguém queria, Barbara Tuchman atribuiu o início da Primeira Guerra Mundial em 1914 aos planos franceses e alemães já em vigor. “Chocados à beira do abismo”, escreveu ela, “os chefes de estado que seriam os responsáveis finais pelo destino de seu país tentaram recuar, mas a força dos cronogramas militares os arrastou para frente”. De forma semelhante, Pequim e Washington têm feito movimentos militares, diplomáticos e semisecretos que podem nos arrastar para um conflito calamitoso que, mais uma vez, ninguém quer.

No ápice do poder, os líderes nacionais em Pequim e Washington assumiram posições totalmente contrastantes sobre o futuro de Taiwan. Por quase um ano, o presidente Joe Biden vem tentando resolver a ambiguidade subjacente na política

anterior dos EUA em relação àquela ilha, afirmando repetidamente que de fato a defenderia de qualquer ataque ao continente. Em maio do ano passado, em resposta à pergunta de um repórter sobre uma possível invasão chinesa de Taiwan, ele disse: “Sim”, os EUA interviriam militarmente. Ele então acrescentou: “Nós concordamos com a política de Uma China. Assinamos isso e todos os acordos decorrentes feitos a partir daí, mas a ideia de que pode ser tomada pela força, apenas tomada pela força, [simplesmente não] é apropriada.”

Como Biden reconheceu, ao estender o reconhecimento diplomático a Pequim em 1979, Washington de fato aceitou a futura soberania da China sobre Taiwan. Nos 40 anos seguintes, os presidentes de ambos os partidos fizeram declarações públicas se opondo à independência de Taiwan. Na verdade, eles admitiam que a ilha era uma província chinesa e seu destino era um assunto doméstico (mesmo que eles se opusessem a que a República Popular fizesse algo a respeito no futuro imediato).

No entanto, Biden persistiu em sua retórica agressiva. Ele disse à *CBS News* em setembro passado, por exemplo, que realmente enviaria tropas dos EUA para defender Taiwan “se, de fato, houvesse um ataque sem precedentes”. Então, em uma ruptura significativa com a política de longa data dos EUA, ele acrescentou: “Taiwan faz seus próprios julgamentos sobre sua independência... Essa é uma decisão deles”.

Em poucas semanas, em um Congresso do Partido Comunista, o presidente chinês Xi Jinping respondeu com um forte compromisso pessoal com a unificação de Taiwan – pela força, se necessário. “Insistimos em lutar pela perspectiva de uma reunificação pacífica”, disse ele, “mas nunca prometeremos desistir do uso da força e nos reservamos a opção de tomar todas as medidas necessárias”.

Depois de uma longa salva de palmas dos 2.000 oficiais do partido reunidos no Grande Salão do Povo de Pequim, ele então invocou a inevitabilidade das forças dialéticas marxistas que garantiriam a vitória que ele prometia. “As rodas históricas da reunificação nacional e do rejuvenescimento nacional estão avançando”, disse ele, “e a reunificação completa da pátria deve ser alcançada”.

Como a filósofa política Hannah Arendt nos lembrou uma vez, um senso de inevitabilidade histórica é um gatilho ideológico perigoso que pode mergulhar estados autoritários como a China em guerras impensáveis ou massacres em massa inimagináveis.

OS PREPARATIVOS DE GUERRA MOVEM A CADEIA DE COMANDO

Não é de surpreender que as declarações contundentes de Biden e Xi tenham percorrido a cadeia de comando em ambos os países. Em janeiro, um general de quatro estrelas da Força Aérea dos EUA, Mike Minihan, enviou um memorando formal ao seu enorme Comando de Mobilidade Aérea de 500 aeronaves e 50.000 soldados, ordenando-lhes que intensificassem seu treinamento para a guerra com a China. “Meu instinto me diz”, concluiu, que “lutaremos em 2025”. Em vez de

repudiar a declaração do general, um porta-voz do Pentágono simplesmente acrescentou: “A Estratégia de Defesa Nacional deixa claro que a China é o desafio para o Departamento de Defesa”.

O general Minihan também não é o primeiro oficial sênior a fazer tais declarações agourentas. Já em março de 2021, o chefe do Comando Indo-Pacífico, almirante Philip Davidson, alertou o Congresso de que a China planejava invadir a ilha até 2027: “Taiwan é claramente uma de suas ambições... E acho que a ameaça se manifesta nesta década, na verdade, nos próximos seis anos.”

Ao contrário de seus opositores americanos, os chefes de serviço da China têm silenciado publicamente sobre o assunto, mas suas aeronaves têm sido realmente eloquentes. Depois que o presidente Biden assinou um projeto de lei de apropriação de defesa em dezembro passado com US \$ 10 bilhões em ajuda militar para Taiwan, uma armada sem precedentes de 71 aeronaves chinesas e muitos outros drones militares invadiram as defesas aéreas daquela ilha em um único período de 24 horas.

Como essa escalada olho por olho só aumenta, Washington combinou a agressão da China com grandes iniciativas diplomáticas e militares. De fato, o secretário assistente de Defesa para o Indo-Pacífico, Ely Ratner, prometeu, de forma ameaçadora, que “2023 provavelmente será o ano mais transformador na postura da força dos EUA na região em uma geração”.

Durante uma recente visita aos aliados asiáticos, o secretário de Defesa Lloyd Austin reivindicou alguns ganhos estratégicos significativos. Em uma escala em Seul, ele e seu homólogo sul-coreano anunciaram que os EUA enviariam porta-aviões e jatos adicionais para exercícios expandidos de fogo real – um movimento claramente crescente após a redução de tais operações conjuntas durante os anos Trump.

Seguindo para Manila, Austin revelou que as Filipinas haviam acabado de conceder às tropas americanas acesso a mais quatro bases militares, várias voltadas para Taiwan através de um estreito. Estas eram necessárias, disse ele, porque “a República Popular da China continua a avançar com suas reivindicações ilegítimas” no Mar da China Meridional.

O Ministério das Relações Exteriores da China pareceu abalado com a notícia. Depois de um namoro diplomático bem-sucedido com o ex-presidente filipino, Rodrigo Duterte, que havia contido a influência dos EUA enquanto aceitava a ocupação chinesa de ilhas em águas filipinas, Pequim agora podia fazer pouco mais do que condenar o acesso de Washington a essas bases por “pôr em perigo a paz e a estabilidade regionais”. Embora alguns nacionalistas filipinos objetassem que a presença americana poderia convidar a um ataque nuclear, de acordo com pesquisas confiáveis, 84% dos filipinos achavam que seu país deveria cooperar com os Estados Unidos para defender suas águas territoriais da China.

Ambos os anúncios foram divididos de meses de diplomacia e adiantamentos de grandes destacamentos militares que viriam. O projeto de lei anual de “defesa” dos EUA para 2023 está financiando a construção de instalações militares em todo o

Pacífico. E mesmo que o Japão esteja dobrando seu orçamento de defesa, em parte para proteger suas ilhas do sul da China, os fuzileiros navais dos EUA em Okinawa planejam trocar seus tanques e artilharia pesada por drones ágeis e mísseis disparados de ombro conforme formam “regimentos litorâneos” capazes de implantação rápida na menor das ilhas da região.

ESTRATÉGIAS SECRETAS

Em contraste com essas declarações públicas, as estratégias semisecretas em ambos os lados do Pacífico geralmente passaram despercebidas. Se o compromisso militar dos EUA com Taiwan permanece pelo menos um tanto ambíguo, a dependência econômica deste país da produção de *chips* de computador da ilha é quase absoluta. Como epicentro de uma cadeia de suprimentos global, Taiwan fabrica 90% dos *chips* avançados do mundo e 65% de todos os semicondutores (em comparação, a participação da China em *chips* é de 5% e a fatia dos EUA é de apenas 10%.) Como maior produtora mundial do componente mais crítico em tudo, de telefones celulares a mísseis militares, a Taiwan Semiconductor Manufacturing Company (TSMC) é a líder em inovação, fornecendo para a Apple e outras empresas de tecnologia dos EUA.

Agora, as autoridades americanas estão se movimentando para mudar isso. Tendo supervisionado a abertura de uma fábrica de produção de *chips* da TSMC de US\$ 12 bilhões em Phoenix em 2020, apenas dois anos depois o governador do Arizona anunciou que “a TSMC concluiu a construção de sua instalação principal”. Em agosto passado, pouco antes de o presidente Biden assinar o Chips and Science Act de US\$ 52 bilhões, a secretária de Comércio Gina Raimondo insistiu que “nossa dependência de Taiwan para *chips* é insustentável e insegura”.

Apenas três meses depois, a TSMC alcançou uma grande fatia desses fundos federais, investindo US\$ 28 bilhões em uma segunda fábrica em Phoenix que, quando inaugurada em 2026, produzirá o que o *New York Times* chamou de “mais avançada – embora não a mais avançada – tecnologia de fabricação de *chips*”. Em uma cerimônia com o presidente Biden em dezembro passado, o CEO da Apple, Tim Cook, proclamou: “Este é um momento incrivelmente significativo”.

Isso pode ser verdade, mas o foco em Phoenix obscureceu projetos de fábrica de *chips* igualmente significativos sendo implementados pela Samsung no Texas, Intel em Ohio e Micron Technology em Nova York. Some tudo isso e os EUA já estão na metade do caminho para o “mínimo de três anos e um investimento de US\$ 350 bilhões... para substituir as fundições de [*chips*] taiwanesas”, de acordo com a Associação da Indústria de Semicondutores.

Em outras palavras, se Pequim decidisse invadir Taiwan depois de 2026, o capital intelectual da TSMC, na forma de seus principais cientistas da computação, sem dúvida estaria em voos de ida para Phoenix, deixando pouco mais do que algumas conchas de concreto e alguns equipamentos sabotados para trás. A cadeia de fornecimento global de *chips* de silício envolvendo máquinas holandesas (para litografia ultravioleta extrema), projetos americanos e produção taiwanesa provavelmente continuaria sem muitos problemas nos Estados Unidos, Japão e

Europa, deixando a República Popular da China com pouco mais do que seus minimalistas 5% da indústria mundial de semicondutores de US\$ 570 bilhões.

O cálculo secreto da China sobre uma invasão de Taiwan é, sem dúvida, mais complexo. Em meados de fevereiro, em Munique, o secretário de Estado, Antony Blinken, denunciou que Pequim estava considerando dar “apoio letal” a Moscou para sua guerra na Ucrânia, acrescentando que “deixamos muito claro para eles que isso causaria um problema sério para... nossa relação”.

Mas a China se depara com uma escolha muito mais difícil do que sugere a alegre retórica de Blinken. Com seu impressionante arsenal, Pequim poderia prontamente fornecer a Moscou o suficiente de seus mísseis de cruzeiro Hong Niao para destruir a maioria dos veículos blindados da Ucrânia (com muitos sobrando para demolir a frágil infraestrutura elétrica de Kiev).

Sangrar a OTAN dessa maneira, no entanto, pagaria dividendos limitados para quaisquer possíveis planos futuros da China em relação a Taiwan. Em contraste, os tipos de armamento de guerra terrestre que Washington e seus aliados continuam a despejar na Ucrânia fariam pouco para sobrecarregar a capacidade naval dos EUA no Pacífico Ocidental.

Além disso, o preço diplomático e econômico que Pequim pagaria por um envolvimento significativo na Guerra da Ucrânia poderia ser proibitivo. Como o maior consumidor mundial de petróleo barato importado e trigo, que a Rússia exporta em abundância, a China precisa de um Putin humilde, desesperado por mercados e compatível com seus desígnios de maior domínio sobre a Eurásia. Um Putin triunfante, dobrando a vontade de estados tímidos na Europa Oriental e na Ásia Central enquanto negocia acordos cada vez mais difíceis para suas exportações, dificilmente é do interesse de Pequim.

Ignorar a ameaça existencial que a guerra de Putin representa para a União Europeia também custaria a Pequim décadas de diplomacia e bilhões em fundos de infraestrutura já investidos para unir toda a Eurásia, do Mar do Norte ao Mar da China Meridional, em uma economia integrada. Além disso, aliar-se a uma potência distintamente secundária que violou descaradamente o princípio fundamental da ordem internacional – que proíbe a aquisição de território por conquista armada – dificilmente avançará na tentativa sustentada de Pequim pela liderança global.

Vladimir Putin pode de fato tentar equiparar a reivindicação da China a uma província separatista em Taiwan com sua própria oferta pelo antigo território soviético na Ucrânia, mas a analogia é anátema para Pequim. “Taiwan não é a Ucrânia”, anunciou o Ministério das Relações Exteriores da China no ano passado, um dia antes de Putin invadir a Ucrânia. “Taiwan sempre foi uma parte inalienável da China. Este é um fato legal e histórico indiscutível”.

OS CUSTOS DA GUERRA

Com Pequim e Washington contemplando uma possível guerra futura por causa de Taiwan, é importante (especialmente à luz da Ucrânia) considerar os prováveis

custos de tal conflito. Em novembro de 2021, a venerável agência de notícias *Reuters* compilou uma série de cenários críveis para uma guerra China-EUA por Taiwan. Se os Estados Unidos decidissem lutar pela ilha, disse a *Reuters*, “não há garantia de que derrotariam um PLA [Exército de Libertação do Povo] cada vez mais poderoso”.

Em seu cenário menos violento, a *Reuters* especulou que Pequim poderia usar sua marinha para impor uma “quarentena alfandegária” em torno de Taiwan, enquanto anunciava uma Zona de Identificação de Defesa Aérea sobre a ilha e alertaria o mundo para não violar sua soberania. Então, para apertar o laço, poderia passar para um bloqueio total, colocando minas nos principais portos e cortando cabos submarinos. Caso Washington decidisse intervir, seus submarinos sem dúvida afundariam vários navios de guerra do PLA, enquanto seus navios de superfície também poderiam lançar aeronaves e mísseis. Mas o poderoso sistema de defesa aérea da China sem dúvida dispararia milhares de seus próprios mísseis, infligindo “pesadas perdas” à Marinha dos EUA. Em vez de tentar uma invasão anfíbia difícil, Pequim pode completar essa escalada encenada com ataques de mísseis de saturação nas cidades de Taiwan até que seus líderes capitulem.

No cenário da *Reuters* para uma guerra total, Pequim decide “montar o maior e mais complexo desembarque anfíbio e aéreo já tentado”, buscando “sobrecarregar a ilha antes que os Estados Unidos e seus aliados possam responder”. Para impedir um contra-ataque dos EUA, o PLA pode disparar mísseis contra as bases americanas no Japão e em Guam. Enquanto Taiwan lançaria jatos e mísseis para deter a frota de invasão, os grupos de batalha dos porta-aviões dos EUA iriam em direção à ilha e, “em poucas horas, uma grande guerra [estaria] ocorrendo no leste da Ásia”.

Em agosto de 2022, a Brookings Institution divulgou estimativas mais precisas de prováveis perdas em vários cenários dessa guerra. Embora as “modernizações militares recentes e dramáticas da China tenham reduzido drasticamente a capacidade dos Estados Unidos de defender a ilha”, as complexidades de tal confronto, escreveu o analista da Brookings, tornam “o resultado... inerentemente incognoscível”. Apenas uma coisa seria certa: as perdas de ambos os lados (incluindo a própria Taiwan) seriam devastadoras.

No primeiro cenário de Brookings envolvendo “uma luta marítima centrada em submarinos”, Pequim imporia um bloqueio e Washington responderia com comboios navais para sustentar a ilha. Se os Estados Unidos interrompessem as comunicações de Pequim, a Marinha dos EUA perderia apenas 12 navios de guerra, enquanto afundaria todos os 60 submarinos da China. Se, por outro lado, a China mantivesse suas comunicações, poderia afundar 100 navios, a maioria navios de guerra dos EUA, perdendo apenas 29 submarinos.

No segundo cenário de Brookings para “uma guerra sub-regional mais ampla”, ambos os lados usariam jatos e mísseis em uma luta que envolveria o sudeste da China, Taiwan e as bases dos EUA no Japão, Okinawa e Guam. Se os ataques da China forem bem-sucedidos, podem destruir de 40 a 80 navios de guerra dos EUA e de Taiwan ao custo de cerca de 400 aeronaves chinesas. Se os EUA levassem a melhor, poderiam destruir “grande parte das forças armadas da China no sudeste

da China”, enquanto abateriam mais de 400 aeronaves do PLA, mesmo sofrendo pesadas perdas de seus próprios jatos.

Ao se concentrar principalmente nas perdas militares, que são assustadoras o suficiente, ambos os estudos subestimam grosseiramente os custos reais e a devastação potencial para Taiwan e grande parte do leste da Ásia. Meu próprio instinto me diz que, se a China impusesse um bloqueio alfandegário à ilha, Washington hesitaria diante da ideia de perder centenas de aeronaves e dezenas de navios de guerra, incluindo um ou dois porta-aviões, e recuaria para sua política de longa data de respeitar Taiwan como território da China. Se os EUA desafiassem essa zona de interdição alfandegária, no entanto, teriam que atacar o bloqueio chinês e poderiam, aos olhos de grande parte do mundo, se tornar o agressor – um verdadeiro desincentivo do ponto de vista de Washington.

Se a China lançar uma invasão total, no entanto, Taiwan provavelmente sucumbiria em poucos dias, uma vez que sua força aérea de apenas 470 aeronaves de combate fosse dominada pelos 2.900 caças a jato do PLA, 2.100 mísseis supersônicos e sua enorme marinha, agora a maior do mundo. Refletindo a clara vantagem estratégica da China de simples proximidade com Taiwan, a ocupação da ilha pode muito bem ser um fato consumado antes que os navios da Marinha dos EUA cheguem do Japão e do Havaí em número suficiente para desafiar a enorme armada chinesa.

Se Pequim e Washington de alguma forma deixarem a atração da política e do planejamento arrastá-los para uma guerra cada vez maior, no entanto, o dano ainda pode ser incalculável – com cidades devastadas, incontáveis milhares de mortos e a economia global, com epicentro na Ásia, deixado em ruínas. Esperemos que os líderes de hoje em Washington e Pequim se mostrem mais contidos do que seus colegas em Berlim e Paris em agosto de 1914, quando os planos para a vitória desencadearam uma guerra que deixaria 20 milhões de mortos em seu rastro.

Publicado no [Tom Dispatch](#).

****Alfred W. McCoy** é contribuidor regular do TomDispatch e professor de história na Universidade de Wisconsin-Madison. É autor de *In the Shadows of the American Century: The Rise and Decline of U.S. Global Power*. Seu livro mais recente é *To Govern the Globe: World Orders and Catastrophic Change*.*
